

## EXCURSÃO GEOGRÁFICA DIDÁTICA: INSTRUMENTO DE PRÁTICA E ENSINO EM GEOGRAFIA<sup>1</sup>

## DIDACTIC GEOGRAPHICAL FIELD TRIP: A TOOL FOR PRACTICE AND TEACHING IN GEOGRAPHY

**Adler Guilherme Viadana**

Doutor em Geografia Física. Professor adjunto da Universidade Estadual Paulista (UNESP - Rio Claro).

E-mail: adlergv@rc.unesp.br

**Agostinho Paula Brito Cavalcanti**

Pós-Doutor em Geografia. Professor associado da Universidade Federal do Piauí (UFPI - Teresina/PI).

E-mail: agos@ufpi.br

### RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo uma abordagem metodológica sobre a excursão geográfica didática, tratando da prática pedagógica, dentro do planejamento do ensino e pelo contato com a realidade para a formação do profissional e professor de Geografia. Os procedimentos metodológicos seguiram uma sequência de encaminhamentos assim constituída: pesquisa bibliográfica e observações de campo. Os resultados mostraram que a excursão geográfica didática é importante instrumento na formação de professores e acadêmicos, como meio para o desenvolvimento da percepção sobre o território, num contexto menos formal que a sala de aula. Nas conclusões foi enfatizada a importância da excursão geográfica como recurso didático, pois oferece potencialidades formativas que devem ser levadas em consideração no processo de ensino e aprendizagem e como prática pedagógica acessível e eficaz.

**Palavras-chave:** Geografia; metodologia; pesquisa.

---

<sup>1</sup>Esse artigo foi publicado originalmente na versão impressa da Revista Geografia: Publicações Avulsas, ano 9, n. 30, fev. 2011.

## **ABSTRACT**

*The present work has for objective a methodological approach on the didactic geographical trip, treating of the pedagogic practice, inside of the planning of the teaching and for the contact with the reality for the professional's formation and teacher of Geography. The methodological procedures followed a sequence of directions constituted like this: researches bibliographical and field observations. The results showed that the didactic geographical trip is important instrument in the teacher's formation and academics, as middle for the development of the perception on the territory, in a context less formal than the classroom. In the conclusions the importance of the geographical trip was emphasized as didactic resource, because offers formative potentialities that they should be taken into account in the teaching process and learning and as accessible and effective pedagogic practice.*

**Keywords:** Geography; methodology; research.

## **INTRODUÇÃO**

A excursão geográfica didática, denominação dada à atividade desenvolvida pelo pesquisador em Geografia que se desloca de seu gabinete de trabalho para a área ou local de seu interesse (objeto de estudo) como instrumento para prática e o ensino, visa à compreensão e explicação das diferentes organizações espaciais, com a finalidade de realizar observações e levantar informações.

Refere-se a um conjunto de atividades práticas orientadas para a busca de um determinado conhecimento, realizada de maneira sistemática através da realidade empírica e pela utilização de métodos próprios e técnicas específicas de pesquisa e que os resultados obtidos venham a ser apresentados de forma peculiar através de relatórios.

Procurando contribuir para seu revigoramento no âmbito da ciência geográfica em nosso país, os autores deste trabalho se propuseram a redigir este texto, que tem como objetivos evidenciar a importância da prática de campo através dos fundamentos históricos da excursão geográfica didática no Brasil; da excursão geográfica didática como instrumento de prática e ensino em Geografia e dos pressupostos teóricos metodológicos da prática de campo.

A importância dessa prática para a construção do conhecimento geográfico, a partir da extração de informações na elaboração e execução das pesquisas, aliadas às técnicas necessárias para um desempenho satisfatório, devendo-se considerar um conjunto de processos, quando da aferição da verdade terrestre, é considerada de significativa relevância e viabilizada através do estudo da paisagem, relacionando os aspectos físicos e humanos do espaço.

Atualmente a excursão geográfica deve ser incentivada e valorizada, devido sua inestimável contribuição para a prática didática e pedagógica do ensino e da aprendizagem, utilizando-se a observação e experimentação para a coleta de dados e buscando um conhecimento verdadeiro e objetivo, através do contato direto com a realidade observada.

## **FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DA EXCURSÃO GEOGRÁFICA DIDÁTICA NO BRASIL**

A ciência geográfica brasileira através de sua história contemporânea consolida-se em termos teóricos, metodológicos e práticos na procura de um conhecimento e análise as diversas interfaces entre a natureza e a sociedade, havendo a necessidade de buscar e compreender as múltiplas realidades espaciais naturais e humanas não fragmentadas de nosso território, mas como uma totalidade em constante dinamismo.

Os trabalhos pioneiros dos naturalistas que passaram pelo Brasil principalmente ao longo do século XVIII, denotaram padrões inovadores de técnicas de investigação, com a realização das viagens de cunho eminentemente científico, onde as pesquisas tinham um nível de detalhamento bastante significativo, influenciando sobremaneira o desenvolvimento de nossa Geografia e sua definição como disciplina que lida com os fenômenos associados ao espaço (Cavalcanti, 2010).

Os estudos geográficos na atualidade em nosso país estão evoluindo respaldados pela inserção de métodos e técnicas de representação espacial com o advento de novas abordagens para o estudo da organização do

espaço, seja através da análise geoecológica, da percepção, do turismo, da cultura, da economia e da política; pelo incremento das teorias das redes geográficas e dos recursos naturais; através das inovadoras técnicas concebidas pelos sistemas geográficos de informação (SIG), geoprocessamento, sensoriamento remoto e sistemas de posicionamento global (GPS); ou ainda quanto às pesquisas aplicadas reportadas ao planejamento, gestão e monitoramento ambiental, urbano e agrário.

Inserem-se nesse contexto a prática de campo entendido como um direcionamento pragmático para o ensino e pesquisa em Geografia, processada através das excursões geográficas com fins didáticos.

Como fundamentos históricos deste recurso metodológico destacam-se alguns trabalhos que se tornaram clássicos e fundamentais para o desenvolvimento das excursões geográficas didáticas no âmbito da Geografia brasileira.

Ao discutir o sentido geográfico de posição e situação, dando ênfase à necessidade de assimilação da consciência de espaço e do desenvolvimento de observação da paisagem, com o intuito de interpretá-las de modo correto, Carvalho (1941) publica na Revista Brasileira de Geografia o trabalho “A Excursão Geográfica” discorrendo sobre o significado dessas excursões, na busca de despertar o interesse dos professores e acadêmicos do contato com a natureza, através do processo de aprendizagem, equivalendo às atividades teóricas em sala de aula.

A respeito das excursões geográficas, julga serem necessários os seguintes encaminhamentos: 1) Preparo preliminar; 2) Preparo psicológico; 3) Organização da excursão; 4) Observações dirigidas; 5) Relatório de acadêmicos.

Após o preparo e organização da excursão deve-se processar o estudo da paisagem, onde os acadêmicos devem saber observar e os professores devem procurar sistematizar os conhecimentos indispensáveis a esse procedimento.

Tendo por propósito a transposição dos obstáculos referentes à realidade exposta em campo, sugere em primeiro lugar o estudo dos aspectos relacionados com a Geografia Física, observando o levantamento da topografia da região, solos, posição das camadas rochosas, trabalho das águas correntes e vida vegetal e animal. A seguir reporta-se aos aspectos relativos à Geografia Humana que denomina de estudo das comunidades.

A partir destas condições pode-se desenvolver, segundo o autor, um inquérito sistemático, de acordo com a metodologia composta por quatro itens: 1) Problemas da casa; 2) Tipos de povoamento; 3) Horizonte de trabalho; 4) Questão da circulação.

Ao comentar a preocupação com a realização de excursões geográficas, pela organização destas com orientação científica e aplicação de métodos e técnicas para trabalhos de campo, Prunes (1943) publica no Boletim Geográfico o trabalho intitulado "*Plano de estudo de uma excursão geográfica*" onde procura oferecer aos acadêmicos um ensino de Geografia constituído por uma formação científica de acordo com os objetivos dessa ciência, permitindo um melhor conhecimento da terra brasileira e de seus habitantes, através de dados constantes de observações iniciais, notas e investigações, divididos em: povoamento e colonização; informes relacionados à natureza e relevo do solo; indústria e comércio do solo; dados referentes à população; indústria e comércio do solo; divisão administrativa; pecuária; agricultura; habitação rural; meios de transporte e comunicação e finanças públicas.

Dando ênfase ao interesse que as excursões geográficas vêm despertando entre os geógrafos nos últimos tempos, resultado do ensino da Geografia, Costa Pereira (1943) publica também no Boletim Geográfico o trabalho que tem por título "*Reflexões à margem de quatro excursões geográficas*" quando observa que o desenvolvimento geográfico somente pode ser conseguido no contato direto com a natureza e questiona a não

promoção mais frequente desta prática, com o desenvolvimento do exercício da observação direta.

Ressalta ainda que os resultados advindos das excursões geográficas importantes para o país, não deveria haver preocupação dos custos para promovê-las e que esta excursão, quando bem ordenada e supervisionada pode oferecer a melhor documentação sobre a região percorrida.

Em seguida realça o fato de ser indispensável fixar de maneira clara e precisa os objetivos desses trabalhos, de acordo com a importância do tema geográfico, com objetivos próprios de acordo com o modo de se considerar a finalidade da Geografia que deve sempre se preocupar com a visão integrada do espaço.

Ressalta o valor da excursão geográfica, com a realização de levantamento dos aspectos físicos e formas de ocupação humana, essenciais para a estruturação física das diversas regiões brasileiras. Reportando-se ao ano de 1943, acentua que no Brasil, a era da Geografia de campo, que se realiza pela observação direta dos diferentes meios e paisagens, ainda não chegou verdadeiramente à análise do quadro físico, humano e econômico, devendo ser estudado e compreendido exaustivamente num futuro próximo.

Tendo por finalidade a pesquisa geográfica original e devendo possuir seus próprios métodos, pois cabe ao professor ensinar como se trabalha no campo, para chegar à descoberta das relações entre os fatos e as novas interpretações da Geografia, Ruellan (1944) publica "*O trabalho de campo nas pesquisas originais de Geografia Regional*" onde relata que a dificuldade de uma excursão geográfica não deve desencorajar os professores e acadêmicos e que nesse tipo de excursão não é preciso ir ao campo para reencontrar o que já foi escrito ou dito, porque isto pode prejudicar o pesquisador, tirando-lhe parte de suas faculdades de observação.

As excursões podem ser de dois tipos: a excursão de reconhecimento e a investigação minuciosa. Nesse artigo dedica-se exclusivamente ao primeiro tipo, explicando que a excursão de reconhecimento pode variar de

alguns dias a algumas semanas e que se destina a revelar ao pesquisador, os traços essenciais da região que se propôs a estudar, devendo-se descrever os elementos básicos levantados; tipos de equipamentos e materiais utilizados e procedimentos adotados, além do reconhecimento e análise das formas do relevo; relações entre relevo e estrutura; pesquisas climatológicas; pesquisas hidrográficas; pesquisas biogeográficas, pesquisas em Geografia Humana e ainda ser confeccionado um relatório a partir do qual serão extraídos os resultados, de maneira a sobressair às características da região visitada.

Ao elaborar um texto sobre a preparação e organização de uma excursão geográfica, denominando-a "*O Estudo da Paisagem*", Carvalho (1945) atenta para o fato de que o verdadeiro geógrafo é aquele que analisa a paisagem de maneira diferente dos não geógrafos, sendo necessário saber observar, devendo-se sistematizar os conhecimentos indispensáveis à observação, a saber: preparo preliminar; preparo psicológico; organização da excursão; observação dirigida (sentido geográfico de posição e espaço) e relatório final.

Salienta que a primeira divisão imposta é distinguir a Geografia Física (parte condicionadora) da Geografia Humana (parte condicionada), enumerando os principais tópicos que devem ser levantados: topografia da região; posição das camadas rochosas; águas correntes; vida vegetativa e vida animal. Finalmente afirma que fica completa a fisiografia superficial da região estudada, podendo a seguir empreender a interpretação antropogeográfica.

## **EXCURSÃO GEOGRÁFICA DIDÁTICA COMO INSTRUMENTO DE PRÁTICA E ENSINO EM GEOGRAFIA**

Em Geografia o campo assume uma perspectiva ímpar, pois resulta em síntese a investida intrínseca, porém não exclusiva, do estudo e das interpretações do geógrafo. Entretanto o termo é ambíguo e por vezes

tomado como contraditório, tanto na sua conceituação, como em termos de sua investigação para as verificações geográficas.

A definição de campo para o geógrafo vai ao encontro da substância clássica, da matéria analítica que subsidia os conteúdos geográficos. O termo pode assumir vários significados desde: paisagem; lugar; área; território até região, etc., sempre se levando em consideração os objetivos e a ordem escalar utilizada na prática cognitiva do mundo exterior.

Sem exageros desmedidos e devaneios se aceita aqui o que já foi afirmado de que o campo é o laboratório do geógrafo, implicando em considerar dois importantes comportamentos para esta prática: o primeiro de caráter pedagógico como técnica de ensino da ciência geográfica e o segundo é exigido quando do levantamento de dados informativos, um estudo sistematizado, considerando aspectos fisiográficos, biológicos e sociais, sobre o setor eleito (lugar; área; território; etc.). Para os procedimentos da leitura da paisagem, realizam-se observações e anotações no diário (caderneta) de campo, procedendo-se a observação participante, com o acompanhamento junto às atividades programadas, registro imediato dos acontecimentos e sua conseqüente anotação no diário (Viadana, 2005)

Nestas duas modalidades de atuação do geógrafo fora do gabinete, deve-se atentar por princípio e, em primeira instância a preocupação com a conduta técnica-metodológica norteadora daquilo que o profissional almeja na prática geográfica no espaço e tempo reais.

A condução técnica nada mais significa os recursos instrumentais empregados tanto para uma leitura didática da paisagem com objetivos explícitos de transferência de conhecimentos para aprendizes, como a obtenção de dados de interesse para a pesquisa geográfica "in loco".

Exemplo cabal deste procedimento pode ser oferecido pelo uso do trado, com sondagens que visam à realização de topo-sequência na identificação dos diferentes tipos de solos e sua evolução na extensão de uma vertente.

No que diz respeito ao método, este assume de forma categórica a postura ou opção ideológica para a compreensão do espaço geográfico visitado; seja no tratamento didático - pedagógico ou na aferição dos componentes geográficos que se estruturam nos lugares excursionados.

Na observação pela maior significância da excursão geográfica didática, que pode ser admitida como uma aula de campo, com a participação de docentes e acadêmicos a ter nas observações de “passagem” pelos trajetos estabelecidos e nos pontos de “parada” para melhor detalhamento dos fatos de interesse imediato, a concepção de uma interpretação paisagística global, com esforços para o entendimento de sua evolução e dinâmica, que passa obrigatoriamente pela normatização das causas primeiras em que o conhecimento, enquanto processo do pensamento é o mundo circundante, cuja materialidade é transferida para a cabeça do ser humano e por ela interpretada, numa contextualização que aponta para a dialética.

O mesmo pode estar contido, no sentido metodológico, em relação ao trabalho de campo. De forma abrangente, o geógrafo pesquisador pode assumir as propostas sugeridas por Ab' Sáber (1969), com total coerência com as atividades adstritas às suas pesquisas, com bases interpretativas para as unidades paisagísticas singulares do espaço geográfico dialeticamente produzido, assentadas em três abordagens:

- A compartimentação do relevo na escala da topografia regional;
- A dinâmica da estruturação da paisagem;
- A fisiologia da paisagem submetida à atuação recente de ordem climática, pedológica e morfológica, juntamente com a inclusão das pressões sociais no meio ambiente.

Tal é a diferenciação entre técnica e método em Geografia. A primeira remete sempre a instrumentação (equipamentos) utilizada pelo geógrafo em campo; enquanto o método constitui-se exclusivo para as suas interpretações com fundamentação ideológica. Entretanto deve-se admitir

*Geografia: Publicações Avulsas. Universidade Federal do Piauí, Teresina, v.6, n. 2, p. 168-187, jul./dez. 2024.*

que técnica e método sejam complementares, coexistindo na construção dos saberes geográficos.

A opção pelas explicações da paisagem como unidade espacial de análise, integrada aos fatos naturais e sociais da superfície terrestre, pode ocorrer, por exemplo, por verificações da extensão e conexão dos componentes espacializados no local estudado. Dentre eles pode-se citar:

1. A retificação de um curso de água e suas implicações na distribuição horizontal da comunidade íctia; degradação da mata ciliar com danos para a fauna; supressão das lagoas marginais; formação de diques ou pestanas artificiais; aumento da velocidade da corrente hídrica, etc.;
2. A depender do local visitado, por exemplo: um fundo de vale, com a respectiva planície aluvional e seus limites entremeados por terraços e vertentes bandeando todo o sistema hidrofluvial observado; o professor com seus alunos podem esboçar uma interpretação sobre a fisiologia ou ecodinâmica da paisagem, utilizando-se da ideia do topo - sequência, isto é, os diferentes níveis altimétricos e morfológicos que se seguem desde as cimeiras alçadas nas maiores altitudes locais, passando pelas vertentes, combros e o talvegue.

Temas como morfologia, cobertura vegetacional, tipos de solos, fatos da ocupação humana e as interações destes componentes na construção do espaço de vida humana, revelam de imediato a relação entre o social e o suporte físico. Disto se infere que o espaço geográfico é uma criação humana.

A excursão geográfica didática é uma das modalidades de atuação do geógrafo no campo, reconhecida como uma atividade pedagógica por excelência, podendo ser levada a efeito como aula propriamente dita, onde o professor apresenta aos discentes uma tentativa de apreensão das informações de conteúdo geográfico a respeito de determinada área.

Nesta ação de caráter educacional, na forma óbvia os lugares de visitação devem ser previamente selecionados pelo professor com a devida preparação dos acadêmicos participantes. Deve-se admitir que a participação interdisciplinar - com professores especialistas em diversas áreas da ciência geográfica - contribui em muito para o enriquecimento da excursão geográfica didática, sendo que um dos objetivos é no máximo do possível fornecer uma visão integrada dos conteúdos apresentados, buscando uma “ponte” entre a chamada Geografia Física com a Humana.

Em tempos atuais, esta prática educacional deve estimular os debates da importância dos saberes ambientais, e que todo o processo que envolve professores e acadêmicos no âmbito geográfico é sempre voltado para a análise da qualidade ambiental. Esta deve ser a essência do ensino de Geografia, principalmente no contato direto que a excursão geográfica didática possibilita, durante a sua aplicação.

Viadana (2010) observa que nos trabalhos de campo levados a efeito, deverão ser plotadas as informações sobre as diferentes altitudes dos transectos projetados nos documentos cartográficos, além dos resultados das tradagens realizadas, os diferentes agrupamentos vegetacionais com os devidos registros fotográficos e as modalidades de drenagem da superfície.

Por último, após o cumprimento do itinerário, o professor deve orientar seus alunos para a elaboração de um relatório sobre o que foi apresentado em campo; podendo este ser elaborado individualmente ou em grupo.

Neste relato os acadêmicos devem organizar todas as informações recebidas durante a visita na área estudada, constando de imagens orbitais, mapas ou cartas, croquis, perfis topográficos, fotografias expressivas e descrições críticas e analíticas dos fatos observados. O apoio bibliográfico faz-se necessário, bem como o conteúdo desenvolvido pode reunir informações obtidas por entrevistas com moradores locais.

Todo o material produzido pelos acadêmicos tem por finalidade conduzir um debate amplo e pormenorizado com relação à excursão

geográfica didática, sob a coordenação do professor responsável; o qual sem dúvida irá contribuir para a formação do futuro profissional, seja na condição de licenciado ou na de bacharel em Geografia.

## **PRESSUPOSTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS DA PRÁTICA DE CAMPO: A EXCURSÃO GEOGRÁFICA DIDÁTICA**

Professores, pesquisadores e acadêmicos que trabalham com Geografia deparam-se frequentemente com terminologias utilizadas e difundidas, quando se referem às aulas práticas, quais sejam: trabalho de campo; pesquisa de campo; excursão geográfica; excursão didática; ida (ou saída) ao campo; estudo do meio, etc.

Apesar dos termos serem utilizados como sinônimos e parecer indicar o mesmo sentido, isto não é verdade, fazendo-se necessária a diferenciação e a especificação do que significam essas expressões, evitando-se contradições ou mesmo aplicações errôneas.

Há uma diferença fundamental entre uma *pesquisa de campo*, cujo objetivo é o desenvolvimento de uma pesquisa por parte do pesquisador, de um *trabalho de campo*, cuja finalidade é uma excursão com acadêmicos, com fins puramente didáticos e pedagógicos, ou mesmo uma *saída ao campo*, com fins turísticos ou de recreação.

Na maioria dos casos, quando se reporta à prática de campo, refere-se especificamente às *excursões geográficas*, onde os professores dirigem os acadêmicos ao campo para tomarem contato com a realidade, a fim de aprimorarem e colocarem em prática os ensinamentos teóricos obtidos em sala de aula.

Os geógrafos sempre procuraram observar as paisagens e a sua organização espacial, através da prática de campo. A esse respeito Müller Filho (1988) salienta que a fonte ideal para a obtenção de informações é a própria paisagem, porque ela é a realidade à disposição da capacidade de interpretação do investigador.

Denomina-se então campo, o local, área ou região, onde o pesquisador procura a observação, registro, descrição e explicação dos fatos ou fenômenos geográficos. Sobre a prática de campo, Silva (1982) explicita o significado da palavra campo, salientando que em um sentido empírico tradicional o campo confunde-se com o lugar que se percebe e do qual se pode ter vivência cotidiana sendo parte de um território, de uma região, de uma área.

Existem várias definições sobre o significado da prática de campo (excursão geográfica didática) como a de Rodrigues e Otaviano, (2001) quando admitem que em um enfoque conceitual-pedagógico, considera-se esta atividade em sua forma e essência como um método relevante dentro do planejamento do ensino e/ou em sua prática propriamente dita, visto que há correspondência com os objetivos propostos fazendo com que haja um relacionamento de forma mais adequada com o mundo da natureza e com o mundo da cultura.

Através da prática de campo ocorre o contato com a realidade, procurando compreender a sua complexidade, ou seja, o produto da interação entre os elementos do quadro natural modificado e transformado pela dinâmica social, exigindo do pesquisador toda uma fundamentação teórica - conceitual para apreender a totalidade observada.

Radaelli da Silva (2002) acrescenta que como instrumento, técnica, método ou meio, a prática de campo vem a ser toda atividade que proporciona a construção do conhecimento em ambiente externo, através da concretização de experiências que promovam a observação, percepção, contato, registro, descrição, representação, análise e reflexão crítica de uma dada realidade, bem como a elaboração conceitual como parte de um processo intelectual mais amplo, que é o ensino.

Considerado como um instrumento didático-pedagógico, um processo, uma técnica, ou mesmo um método, a excursão geográfica didática é de importância fundamental para a Geografia, pois é através dela,

que os geógrafos entram em contato com a realidade, construindo o conhecimento geográfico.

A excursão geográfica didática é concebida como um importante instrumento na formação de pesquisadores e acadêmicos, pois se constitui em um meio para desenvolver uma percepção apreciativa sobre o território, num contexto menos formal que o da sala de aula, e para construir alternativas de trabalho que sejam relevantes para a prática pedagógica em Geografia.

Alguns autores o consideram como um verdadeiro método para o desenvolvimento do conhecimento geográfico, bem como para a prática de ensino. Defendendo esse ponto de vista, Rodrigues e Otaviano (2001), observam que a prática de campo abrange o significado de método, porque é um caminho ou procedimento consciente, organizado racionalmente, com a finalidade de tornar o trabalho mais fácil e produtivo para o alcance de determinada meta.

Não se pode perder de vista o papel do campo como fonte de conhecimento, e suas consequências para o ensino como o local a ser enfatizado no fazer Geografia, enquanto prática. O campo representa tanto o local de onde se extraem as informações para as elaborações teóricas, como o local onde tais teorias são testadas. A prática de campo é ao mesmo tempo, fonte de informações e crítica da produção científica geográfica, peça fundamental para a assimilação e construção de seus conceitos (Compiani, 1991).

Deve ser valorizada como recurso didático, propiciando aos acadêmicos, um contato direto com a realidade observada, obtendo-se uma nova dimensão dos temas tratados em sala de aula, o que, se bem programado e orientado, servirá entre tantas finalidades, estimular o estudo articulado com as diferentes disciplinas.

Deve-se enfatizar a importância da prática de campo como recurso didático, porque oferece potencialidades formativas que devem ser levadas

em consideração no processo ensino-aprendizagem como uma das técnicas pedagógicas mais acessíveis e eficazes ao pesquisador da ciência geográfica.

A prática de campo executada através da excursão geográfica didática, enfim, como um método eficiente na produção da ciência geográfica e na prática de ensino, pode proporcionar aos acadêmicos a oportunidade de confronto com a realidade com as discussões teóricas realizadas em sala de aula, possibilitando a atuação conjunta dos professores/pesquisadores das disciplinas envolvidas e a percepção das interfaces existente entre elas.

Considerado e valorizado como importante instrumento para o desenvolvimento do conhecimento geográfico, a pesquisa prática faz com que o processo de observação se revista de real significado para o geógrafo. É através da observação que o pesquisador investiga o mundo real, na tentativa de compreendê-lo e interpretá-lo.

A produção geográfica, na interpretação das realidades espaciais sob o prisma tradicional, fundamenta-se na observação, na coleta de dados, em sua comparação e na verificação do que entre eles há de comum, e, detectado o que é comum, baseiam-se padrões e formulam-se generalizações (Müller Filho, 1988).

Segundo David (2002) a prática de campo e a observação sempre tiveram destaque na Geografia sendo de fundamental importância que se desenvolva a capacidade de observação de campo com o objetivo de treinar os sentidos a fim de se verificar em detalhes a realidade observada.

A observação, segundo Gil (1999), nada mais é do que o uso dos sentidos com vistas a adquirir conhecimentos necessários para o cotidiano, podendo, porém, ser utilizada para fins científicos desde que tenha um objetivo formulado de pesquisa; seja sistematicamente planejada e submetida à verificação e controle.

O processo de observação está inserido em um contexto maior que é a denominada teoria do conhecimento, sendo a mesma considerada uma das formas de se adquirir conhecimento através da utilização dos sentidos, juntamente com as outras duas que são a razão e a intuição.

O conhecimento adquirido através dos sentidos é denominado conhecimento empírico e que de acordo com Oliveira (1988) sua origem vem do grego *empeiria*, que significa experiência. É uma doutrina que afirma que a única fonte de nossos conhecimentos é a experiência recebida e experimentada pelos sentidos.

Utilizando-se da visão o homem observa o mundo exterior, com a mente livre de preconceitos, acreditando que aquilo que ele vê é a realidade. Através dessa percepção sensorial, pode conhecer a verdade dos fatos, não questionando a possibilidade dos sentidos se enganarem ou distorcerem a realidade. A observação sempre foi considerada de importância fundamental para o geógrafo, pois é através dela que se observam as paisagens com o intuito de desenvolver o conhecimento geográfico. Fazendo-se necessário uma distinção entre o que se denomina de observação ou percepções cotidianas, passivas ou não intencionais das observações científicas.

No primeiro caso reporta-se às observações do homem comum, no seu dia-a-dia e que são meramente contemplativas, sem maiores preocupações com o que está sendo observado. É o caso do deslocamento diário da casa ao local de trabalho, onde se observa sempre o mesmo trajeto, mas não se presta atenção ao que foi observado. Sobre essa questão, Kaplan (1969) afirma que a observação científica é busca deliberada, com cautela e predeterminação, em contraste com a percepção da vida cotidiana, causal e na maioria das vezes, passivas.

Já na observação dita científica existe uma intenção no ato de observar. Deve-se saber de antemão o que se quer observar, devendo-se ter um propósito em mente. O ato de observar é sempre norteado por alguma

ideia, problema, ou teoria ou sobre conhecimentos e experiências anteriores. Portanto, antes de efetuar qualquer observação é necessário desenvolver os conhecimentos teóricos, pois são estes que nortearão no processo de observação, sendo necessário o aprendizado anterior em sala de aula, através dos fundamentos teóricos para que os procedimentos sejam corretos no ato da observação.

Sobre a prática de campo, Cavalcanti (2006) acrescenta que esta é destinada à obtenção de dados a respeito de fenômenos que ocorrem no presente, onde as observações deverão servir para o exame atento dos acontecimentos, fatos e costumes diretamente no local de ocorrência, acompanhando os detalhes dos objetos de estudo, sendo complementadas pelas entrevistas, obtendo-se maiores subsídios no aprofundamento da análise.

Nesta fase da pesquisa devem ser entrevistados os habitantes da(s) área(s) pesquisada(s), o que facilitará a compreensão e evolução de seu desenvolvimento e ainda percorrer as vias de acesso. Todas as observações e coletas de material devem ser devidamente transcritas em carta planimétrica básica e anotadas em caderneta de campo, proporcionando um conhecimento real da área. Paralelamente devem-se realizar registros fotográficos, que permite preservar detalhes para um estudo mais intenso, em épocas posteriores.

Com o intuito de aumentar a capacidade de observação utilizam-se aparelhos e instrumentos desenvolvidos para esse fim, existindo uma ampla e variada gama de equipamentos para auxílio no ato da observação e de coleta de dados, devendo-se adquirir conhecimentos sobre os princípios físicos e seu manuseio, adquirido através de treinamento específico para sua eficiente operacionalização.

Para o bom êxito da observação são também necessárias algumas condições para os quais o pesquisador deve estar atento, evitando enganos ou distorções no processo de observação, além da utilização de instrumentos

para satisfazer o rigor científico e a objetividade, realçando, evidenciando ou tornando acessível, fatos ou fenômenos de interesse, que de outro modo poderiam passar despercebidos pelo observador comum. As condições intelectuais do observador também devem ser levadas em consideração, para o bom desempenho do processo de observação, sendo necessário um embasamento teórico conceitual, pleno domínio de sua área de atuação, curiosidade e sagacidade para poder discernir e interpretar os fatos significativos.

Outro aspecto importante trata da impossibilidade de se constatar a totalidade de modo integrado, sendo praticamente inviável perceber tudo ao mesmo tempo, observando-se apenas o que interessa. Sobre essa questão Fourez (1995) salienta que de maneira automática, ocorre uma eliminação do campo de visão de elementos que não fazem parte do que se pretende observar, adquirindo um caráter pessoal, devido às experiências anteriores, na dependência da capacidade, formação profissional e intelectual, prática e dos conhecimentos adquiridos pelo pesquisador.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A excursão geográfica didática é de importância fundamental para o ensino e a pesquisa em Geografia, além do respaldo de sua tradição histórica no pensamento geográfico brasileiro, havendo um período recente onde esse procedimento foi tratado de maneira secundária por alguns geógrafos contemporâneos.

O intuito deste trabalho foi contribuir a esse empreendimento, procurando-se ressaltar a importância da excursão geográfica didática, através dos fundamentos históricos dessa prática no Brasil, como instrumento de prática e ensino em Geografia e através dos pressupostos teóricos metodológicos da prática de campo, para que os acadêmicos de graduação e pós-graduação em Geografia possam aplicar com mais constância este procedimento didático.

Deve-se enfatizar esta prática como recurso didático, pois oferece potencialidades formativas que devem ser levadas em consideração no processo ensino-aprendizagem e como um procedimento pedagógico acessível e eficaz ao pesquisador da ciência geográfica.

Como um método eficiente na produção dessa ciência e na prática de ensino, a excursão geográfica didática pode proporcionar aos acadêmicos a oportunidade de confronto com a realidade com as discussões teóricas realizadas em sala de aula, possibilitando a atuação conjunta dos professores e pesquisadores das disciplinas envolvidas e a percepção das interfaces existente entre elas.

Pode-se enfim afirmar, com base nos dados e informações levadas a efeito neste trabalho, que está havendo nos últimos anos, uma maior preocupação, valorização e retomada dessa prática nos cursos de Geografia em nosso país.

## REFERÊNCIAS

AB' SÁBER. A. N. Um conceito de geomorfologia a serviço das pesquisas sobre o quaternário. **Geomorfologia**, São Paulo: IG-USP, 1969. (v. 18).

CARVALHO, D. de. A Excursão Geográfica. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, ano 3, n. 4, p. 864-873, out./ dez., 1941.

CARVALHO, D. de. O Estudo da Paisagem. **Boletim Geográfico**. Rio de Janeiro: ano 3, n. 32, p. 1049-1051, nov., 1945.

CAVALCANTI, A. P. B. **Métodos e técnicas da análise ambiental**: guia para estudos do meio ambiente. Teresina, UFPI / CCHL / DGH, 2006.

CAVALCANTI, A. P. B. **Fundamentos históricos da Geografia**. Teresina, EDUFPI, 2010.

COMPIANI, M. A relevância das atividades de campo no ensino de Geologia na formação de professores de Ciências. **Caderno IG**, UNICAMP, Campinas: v. 1, n.2, p.2-25, jun. 1991.

COSTA PEREIRA, J. V. Reflexões à margem de quatro excursões geográficas. **Boletim Geográfico**. Rio de Janeiro, ano 1, n. 5, p. 7-14, ago. 1943.

DAVID, C. Trabalho de campo: limites e contribuições para a pesquisa geográfica, **GEO-UERJ**: Revista do Departamento de Geografia. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 11, p.19-24, jan./jul. 2002.

FOUREZ, G. **A Construção das Ciências**: Introdução à Filosofia e a Ética da Ciência), São Paulo: Editora da UNESP, 1995.

GIL, A. C. **Método e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.

KAPLAN, A. **A Conduta na pesquisa**: metodologia para as ciências do comportamento. São Paulo: Perder; EDUSP, 1969.

MÜLLER FILHO, J. L. Consideração para uma compreensão da abordagem clássica em Geografia. **Geografia**, Rio Claro: v. 13, n. 215, p. 1-19, abr. 1988.

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de metodologia científica**: projetos de Pesquisas, IGI, ICC, Monografias, Dissertações e Teses, São Paulo: Pioneira, 1988.

PRUNES, L. M. Plano de estudo de uma excursão geográfica. **Boletim geográfico**. Rio de Janeiro, ano 1, n. 5, p. 63-67, ago. 1943.

RADAELLI DA SILVA, A. M. Trabalho de Campo: prática “andante” de fazer Geografia. **Revista do Departamento de Geografia**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 61-74, 2002.

RODRIGUES, A. B.; OTAVIANO, C. A. Guia Metodológico de Trabalho de campo em Geografia. **Geografia**, Londrina, v. 10, n. 1, p. 35-43, jan./jun. 2001.

RUELLAN, F. O trabalho de campo nas pesquisas originais de Geografia Regional. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, ano 6, n. 1, p. 35- 50, jan./mar. 1944.

SILVA, A. C. Natureza do trabalho de campo em Geografia Humana e suas limitações. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, USP, n. 1, p. 99-104, 1982.

VIADANA, A. G. **A excursão geográfica didática**: Pontal do Triângulo Mineiro. Rio Claro: LPM-IGCE/UNESP, 2005.

VIADANA, A. G. **Um estudo em Biogeografia fitofisionômica**: Ilha Comprida – SP. Rio Claro: UNESP, 2010.